

# A VISÃO DO *CONTINUUM* NA ABORDAGEM DA METÁFORA E DA METONÍMIA<sup>1</sup>

Silvana Maria Calixto de LIMA (UESPI/UFC/FUNCAP)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, abordamos a visão do *continuum* metáfora-metonímia, perspectiva de estudo que vem se configurando no âmbito dos estudos cognitivos. O nosso objetivo é discutir alguns trabalhos que apontam para essa direção, mesmo que por diferentes vias, a exemplo de Goossens [1990] (2003), Barcelona (2003), Radden (2003) e Dirven (2003). A análise desses trabalhos fundamenta a nossa hipótese de que essa visão – a do *continuum* metáfora-metonímia- pode ser ampliada, mediante estudos que estabeleçam uma necessária interface entre a Lingüística Cognitiva e a Lingüística de Texto.

**ABSTRACT:** In this paper, we show the continuum metaphor-metonymy view, that is emerging in the field of cognitive studies. Our aim is to discuss some studies that are point to this view, although authors like Goossens [1990] (2003), Barcelona (2003), Radden (2003) and Dirven (2003) have presented it differently. The analysis of these studies agree with our hypothesis that this view - the metaphor-metonymy continuum- can be extended with an interaction between Cognitive Linguistics and Textual Linguistics.

## 1 Introdução

Nos últimos vinte anos, o papel cognitivo da metáfora e da metonímia tem sido alvo de discussões no campo da Lingüística Cognitiva, muito embora não se deva deixar de mencionar o fato de que a literatura comprova uma maior atenção dada à metáfora (cf. BARCELONA, 2003). Pode-se dizer que isso vem ocorrendo desde que Lakoff e Johnson (1980) erigiram a teoria da metáfora conceitual, o que provocou um crescente no volume de pesquisas que tratam dessa matéria, seguindo uma perspectiva para além dos limites da concepção tradicional, a qual toma esses mecanismos simplesmente como uma matéria da linguagem figurada. Hoje, já é próprio falar de teorias cognitivas da metáfora e da metonímia (CTMM), que postulam a natureza essencialmente metafórica do sistema conceitual humano, dentre outros aspectos, bem como do poder cognitivo da metonímia, esta não mais restrita a sua função primariamente referencial.

É certo, ainda, que os estudos que tratam da metáfora e da metonímia, a partir da perspectiva referida, não são consensuais em muitos aspectos, dentre eles, no que respeita à existência de um exato divisor de águas entre os dois processos cognitivos. Jakobson [1956] (2003), mesmo antes do advento da Lingüística Cognitiva, já advogava a existência de dois pólos na estruturação da linguagem (i.e., metafórico e metonímico), baseados, respectivamente, em similaridade e contigüidade. Tal postulado deu margem à concepção da existência de um *continuum* entre os dois extremos (DIRVEN, 2003), embora Jakobson não tenha chegado a esse nível de abstração.

Nosso objetivo, neste trabalho, é apresentar a visão do *continuum* metáfora – metonímia, focalizando, particularmente, os trabalhos de Goossens [1990] (2003), Barcelona (2003), Radden (2003) e Dirven (2003). Julgamos que esses estudos possam nos prover argumentos para fundamentar a hipótese, que vimos elaborando, de que a visão do *continuum* metáfora-metonímia pode ser ampliada, mediante estudos que estabeleçam uma necessária interface entre a Lingüística Cognitiva e a Lingüística de Texto.

Inicialmente, faremos uma apresentação do ponto de vista desses autores quanto à abordagem do objeto de estudo referido. Ao final dessa apresentação, consideraremos algumas questões que nos parecem pertinentes, com o objetivo de ampliar o alcance da proposta do *continuum* metáfora-metonímia. Esclarecemos, de antemão, que os trabalhos que aqui abordaremos, exceto o de Dirven (2003), que trabalha explicitamente com a concepção do *continuum*, desenvolvem a idéia-chave da interação metáfora-metonímia, ainda que por vias diferentes. Temos como certo que esse postulado converge, mesmo que implicitamente, para a hipótese do *continuum* metáfora-metonímia, pois esse padrão de ocorrência (i.e., interação metáfora-metonímia) é compreendido como situado entre casos prototípicos de metáforas e

<sup>1</sup> Este trabalho é resultado de leituras e reflexões pertinentes ao tema de minha tese de doutorado em andamento e tem o apoio financeiro da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), da qual sou bolsista.

<sup>2</sup> Professora Assistente da Universidade Estadual do Piauí e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará. E-mail para contato: [scalixto2003@yahoo.com.br](mailto:scalixto2003@yahoo.com.br)

metonímias, daí por que é possível se subentender a visão do *continuum* na explicitação dos casos de interação entre metáfora e metonímia.

## 2 As *metaftonímias* de Goossens

As mais recentes investigações cognitivas sobre a metáfora já firmam o postulado de que metáfora e metonímia não são conceitualmente independentes entre si, mas sim mecanismos que interagem com uma certa frequência (SILVA, 2003). Em Lakoff e Turner (1989), encontramos um indicativo dessa posição quando os autores, ao fazerem um estudo do papel da metáfora na poesia, admitem a interação da metonímia com a metáfora na geração de expressões compostas, acrescentando que esse fenômeno da interação é também uma das razões pelas quais metáfora e metonímia são, por vezes, confundidas. No entanto, não chegam a desenvolver esse ponto de vista. Essa tarefa somente foi realizada por Goossens [1990] (2003), cuja proposta pioneira tem servido como base para outras abordagens na área, a exemplo de Barcelona (2003), como veremos no decorrer deste estudo.

Goossens (2003) encontra evidências da interação metáfora-metonímia, à qual se refere com o neologismo “*metaphonymy*”<sup>3</sup>, em expressões figurativas do inglês que denotam ação lingüística<sup>4</sup>. O autor parte do pressuposto da existência de domínios conceituais complexos construídos pela combinação de outros domínios, os quais, em si mesmos, podem ser complexos ou básicos. Nesse sentido, assume também que as fronteiras entre os domínios conceituais são quase sempre fluidas, razão pela qual metáfora e metonímia podem se interpenetrar. Em sua análise, o autor chega à conclusão de que a metáfora e a metonímia, em princípio processos cognitivos distintos, podem aparecer integradas em expressões da linguagem natural cotidiana. Assim sendo, Goossens (2003) sugere que as *metaftonímias* podem ser classificadas em dois tipos básicos: *metaftonímia integrada* (i.e., metonímia dentro da metáfora e metáfora dentro da metonímia) e *metaftonímia cumulativa* (i.e., metáfora a partir de uma metonímia e metonímia a partir de uma metáfora). Por *metaftonímia integrada*, deve-se compreender a combinação de metáfora e metonímia numa mesma expressão. Já a *metaftonímia cumulativa* é o tipo em que ocorre a derivação da metáfora de uma metonímia ou vice-versa. Vamos descrever separadamente os dois tipos, a começar pelo último.

### *Metaftonímias cumulativas*

O tipo de interação cumulativa *metáfora a partir de uma metonímia* configura-se, conforme o autor, pelo pressuposto de que “na formação da metáfora, existe o entendimento de que os domínios fonte e alvo podem ser unidos de forma natural e simultânea numa única cena complexa, situação típica de formação de uma metonímia” (GOOSSENS, 2003, p. 366). Nesse caso, dependendo do contexto de realização da expressão lingüística, a interpretação pode ser tanto de uma metonímia quanto de uma metáfora a partir de uma metonímia. Independente de uma ou outra interpretação, o certo é que o ingrediente metonímico estará sempre presente, corroborando com sua hipótese da interação entre metáfora e metonímia. Esse tipo de ocorrência aparece bem representado nos dados referentes a partes do corpo analisados pelo autor. Segundo ele, nesses dados, as linhas de fronteira entre metáforas puras e metonímias puras são também, por vezes, um pouco obscuras. Assim, para o autor, não resta a menor dúvida de que boa parte das ocorrências desse domínio pode ser classificada como *metáforas a partir de metonímias*. Isso porque, para todas elas, é possível o emprego metonímico, ou seja, “com referência a uma cena onde a leitura da ação lingüística e a leitura da ação não-lingüística são relevantes, e é essa leitura metonímica que serve de base para o uso metafórico” (GOOSSENS, 2003, p. 361). De fato, existe uma idéia de transferência de uma cena distinta. Em outros termos, são metáforas que possuem uma ligação com sua origem metonímica. Nesse sentido, a expressão *close-lipped* (“calado” ou “boca-fechada”), por exemplo, pode ser usada em sentido literal como “manter os lábios juntos fechados” ou “ter os lábios fechados”, mas pode também ser empregada para indicar que uma pessoa está literalmente “em silêncio”. Nessa última acepção, portanto, a leitura metonímica se faz necessária. Mas afirma o autor que “se, por outro lado, descrevemos como ‘boca fechada’ alguém que está realmente falando bastante, mas não deixa escapar o que alguém poderia verdadeiramente querer ouvir dele, nós temos uma metáfora (e dada a saliência da base metonímica, *uma metáfora a partir de uma metonímia*)” (GOOSSENS, 2003, p. 362).

<sup>3</sup> Como o próprio autor esclarece, esse é uma espécie de termo guarda-chuva proposto por ele para designar o processo de interação entre a metáfora e a metonímia. Este processo, por sua vez, tem diferentes realizações.

<sup>4</sup> O autor investiga expressões pertencentes a três diferentes domínios-fonte, a saber: som, partes do corpo e ação violenta.

O segundo tipo de interação cumulativa, *metonímia a partir de uma metáfora*, é um caso mais difícil de ser concebido e também de ocorrência mais rara, conforme se posiciona o autor, tanto que não está presente nos dados por ele analisados. No entanto, em princípio, Goossens (2003) afirma que não se pode negar a sua existência. O autor constrói um exemplo para esse tipo de *metaftonímia*, utilizando uma expressão do domínio do som, classificada por ele inicialmente como uma instância da metáfora. Trata-se da expressão *blow one's own trumpet* (“tocar seu próprio trompete”), usada no sentido de alguém falar bem de si mesmo, sem modéstia, para que os outros o conheçam, uma espécie de propaganda de si próprio. Nesse caso, o caráter festivo e público do ato de tocar trompete é mapeado para o auto-elogio, o que configura a interpretação metafórica. Segundo o autor, dificilmente se conceberia uma cena onde houvesse a combinação do trompete tocando e do auto-elogio, ou seja, na qual o trompete tocando fosse seguido de uma declaração pública do locutor dizendo coisas boas sobre si mesmo. Entretanto, Goossens (2003) simula uma possibilidade em que os dois termos podem ocorrer juntos, mesmo que seja uma cena inverossímil. É o caso da declaração *Remarkable, the chap is blowing his own trumpet!* (“Extraordinário, o sujeito está tocando seu próprio trompete!”). Nessa circunstância, segundo o autor, configura-se uma interpretação metonímica, mas considerando que a leitura metafórica da expressão é altamente convencional, ele trata desse caso como *metonímia a partir de uma metáfora*.

Para explicar os motivos pelos quais não é tão fácil encontrar exemplos de *metonímias a partir de metáforas*, Goossens (2003) sugere que isso se dê em decorrência da forma como uma e outra são processadas, ou seja, a metáfora implica o mapeamento de um elemento do domínio fonte para o domínio alvo, enquanto que a metonímia, o mapeamento entre dois elementos dentro de um mesmo domínio conceitual. No caso de *uma metáfora a partir de uma metonímia*, “uma dada expressão figurativa funciona como um mapeamento entre elementos pertencentes a dois domínios discretos, mas a percepção da ‘similaridade’ é estabelecida na base da nossa consciência de que A e B são quase sempre ‘contíguos’ dentro do mesmo domínio” (GOOSSENS, 2003, p. 368). É essa freqüente contigüidade, portanto, que nos dá uma base experiencial para o mapeamento entre os dois domínios discretos. Assim, o caminho inverso – da metáfora para a metonímia – é, segundo o autor, de concepção mais difícil, tendo em vista o fato de que os dois domínios envolvidos são, em princípio, discretos. Daí, então, a raridade de ocorrência do tipo *metonímia a partir de uma metáfora*, definida como “o caso em que os elementos mapeados numa expressão basicamente metafórica podem ser interpretados como pertencentes ao mesmo (complexo) domínio” (GOOSSENS, 2003, p. 368).

### ***Metaftonímias integradas***

A *metonímia dentro da metáfora* é o tipo de interação que se dá pela formação típica de uma metáfora (i.e., processo que envolve o mapeamento entre dois domínios conceituais discretos, A e B), mas com uma metonímia embutida. Nos dados analisados por Goossens (2003), aparece somente no domínio referente a partes do corpo. Assim, a metonímia embutida, nesse caso, envolve uma parte do corpo, que, por sua vez, é um elemento compartilhado pelos dois domínios presentes na formação da metáfora (A e B). A regra é que o elemento compartilhado funciona metonimicamente só no domínio alvo. No domínio fonte, ele é interpretado literalmente ou reinterpretado metaforicamente. A análise da expressão *Bite one's tongue off* (“Cortar a língua”), usada para significar o arrependimento de algo que acabou de ser dito, em enunciados do tipo *I should/could bite my tongue* (“Eu deveria/poderia cortar minha língua”), pode muito bem ilustrar essa situação. Pelo raciocínio do autor, nesse caso, “língua” é processada literalmente no domínio fonte de numa cena de origem caracterizada em termos de autopunição, sendo que essa punição envolve exageradamente um tipo de mutilação não muito comum. Com o mapeamento feito para o domínio alvo (i.e., ação lingüística), constrói-se o significado de ‘privar-se de sua habilidade de falar’. A metonímia, no caso, é a língua tomada pela faculdade de falar como um todo. Assim, pela regra, o elemento compartilhado (i.e., língua como parte do corpo) funciona metonimicamente no domínio alvo e é interpretado literalmente no domínio fonte.

O tipo *metáfora dentro da metonímia*, nos dados analisados por Goossens (2003), aparece representado por uma única instância, *be/get up one's hind legs* (“levantar-se em suas pernas traseiras”), usada no sentido de “levantar em ordem para dizer ou argumentar alguma coisa, especialmente em público”. Para o autor, a raridade desse tipo de ocorrência não se faz presente apenas no *corpus* analisado, mas é um fato geral na língua. Provavelmente, segundo ele, isso ocorra pelo motivo de que a inserção de uma metáfora dentro de uma metonímia tende a provocar uma *metaforização* da expressão como um todo. Assim, esse caso

é típico de situações em que a leitura metonímica permanece relevante no significado da ocorrência, como o da expressão acima referida.

Goossens (2003) explica que o entendimento dessa expressão como um caso de *metáfora dentro da metonímia* pode ficar mais claro se fizermos, a princípio, a omissão do termo *hind* (“traseiro”) e tomarmos como metonímico apenas *being/getting up one’s legs*, no sentido de “levantar-se para dizer alguma coisa em público”. Assim, é possível admitir que existe uma cena global em que alguém levanta e diz alguma coisa publicamente. Entretanto, conforme o autor, é “a adição de *hind* que nos força a reinterpretar a expressão em termos de um animal levantando-se. Isso sugere um efeito maior, um evento que atrai mais atenção” (GOOSSENS, 2003, p. 366). Mas, de fato, essa cena tem um efeito patético, pois “um ser humano é interpretado como envolvido numa pseudofaçanha de levantar-se com duas pernas”, (GOOSSENS, 2003, p. 366). Visto desse modo, é possível que surja o argumento de que a adição de “*hind*” *metaforiza* a expressão como um todo. O raciocínio do autor, contudo, é que, como até certo ponto da significação essa expressão é processada como uma metonímia, parece mais adequado que ela seja tratada como uma metáfora inserida dentro de uma metonímia.

A despeito dos quatro tipos de *metaftonímias* sugeridos por Gossens (2003), vale ressaltar que o próprio autor, considerando a expressividade dos dados analisados, delibera a existência de dois tipos-padrão de interação entre metáfora e metonímia, quais sejam: *metáfora a partir de uma metonímia* e *metonímia dentro da metáfora*. Para ele, os outros dois tipos encontrados são de conceituação bastante difícil, constituindo, portanto, casos excepcionais. Ademais, Goossens (2003) termina por dizer que a generalização de sua análise só pode ser feita mediante a verificação de expressões figurativas pertencentes a outros domínios, que não somente o da ação lingüística.

### 3 A proposta de Barcelona

Barcelona (2003), retomando o estudo de Goossens (2003), propõe a existência de dois tipos de interação. Um que se dá no nível puramente conceitual e outro que se realiza pela co-instanciação textual da metáfora e da metonímia na mesma expressão lingüística. Assim sendo, apresenta dois tipos de interação metáfora-metonímia no nível conceitual, a saber: *a) motivação metonímica da metáfora; b) motivação metafórica da metonímia*.

Para ele, o primeiro tipo de interação no nível conceitual, *motivação metonímica da metáfora*, em certa maneira, caracteriza-se como problemático, constituindo um desafio real para a teoria da metáfora. Isso porque é possível comprovar que um grande número de metáforas tem uma base metonímica. À guisa de ilustração, temos a metáfora conceitual IRA É O CALOR DE UM FLUIDO, investigada por Lakoff e Kövecses e descrita em Lakoff (1987). Tal metáfora pode licenciar expressões do tipo “Quando falei com ele, ele quase *explodiu*”. Barcelona (2003), com base nos autores citados, afirma que, nesse caso, a metáfora “é motivada por um grupo de metonímias nas quais certos efeitos fisiológicos da raiva representam essa emoção” (BARCELONA, 2003, p. 242). Como exemplos dessas metonímias, ele cita as situações abaixo, indicando, simultaneamente (à esquerda), os tipos de efeitos fisiológicos da raiva que a representam metonimicamente.

- (1) 18) Body heat: Don’t get hot under the collar  
Internal pressure: When I found out, I almost *burst a blood vessel*  
Agitation: I was *hopping mad* (BARCELONA, 2003, p.242)

A respeito desses exemplos, Barcelona (2003) apresenta a seguinte nota explicativa, que abaixo transcrevemos:

As sentenças nesses exemplos são, de fato, metonímicas para os efeitos fisiológicos em si mesmos. Isto é, FICAR ZANGADO E PRONTO PRA BRIGA ativam metonimicamente a noção de corpo quente, ESTOURAR UM VASO SANGÜÍNEO é uma fonte metonímica hiperbólica para pressão interna, e assim por diante. Mas essas manifestações fisiológicas da ira não são ainda fontes metafóricas para ela, porque estão no mesmo domínio. A metáfora ocorre quando CALOR DENTRO DE UM RECIPIENTE (independentemente de qualquer co-ocorrência necessária com o calor do corpo fisiológico, pressão interna e agitação) é mapeado abstratamente para ira (BARCELONA, 2003, p. 242).

De forma mais clara, Silva (2003, p. 52) diz que, nesse caso, “geralmente, o calor do corpo é metonimicamente tomado em vez da emoção/sentimento e metaforicamente compreendido como um fluido quente que corre num contentor: o aumento do calor faz o fluido ferver e pode causar uma explosão, o que explica a ira (...)”.

O segundo tipo de interação metáfora-metonímia no nível conceitual, isto é, *motivação metafórica da metonímia*, pode ser identificado, segundo Barcelona (2003, p. 244), “em interpretações metonímicas de uma expressão lingüística que são possíveis somente dentro de uma co-ocorrência de um mapeamento metafórico”. É o que se verifica no exemplo seguinte, citado pelo autor, mas tomado por empréstimo de Goossens (2003).

(2) *Ela tomou o ouvido do ministro e o persuadiu a aceitar seus planos.*

Nesse caso, como diz Barcelona (2003), há a ocorrência da metáfora conceitual ATENÇÃO É UMA ENTIDADE FÍSICA, mas, ao mesmo tempo, é possível identificar uma versão específica da metonímia convencional PARTE DO CORPO POR FUNÇÃO, ou seja, OUVIDO POR ATENÇÃO. Assim sendo, o autor explica que essa versão específica, ao modo do que diz Goossens (2003),

somente toma lugar em mapeamentos metafóricos envolvendo atenção como domínio alvo. Isto é, somente quando a atenção se torna o domínio alvo num mapeamento metafórico, é possível, dentro do domínio alvo, realizar um mapeamento metonímico no qual ouvido representa um atributo específico (atenção) de sua função típica (audição). Isso significa que essa metonímia específica somente pode ser encontrada em expressões lingüísticas licenciadas por metáforas conceituais como ATENÇÃO É UMA ENTIDADE FÍSICA EM MOVIMENTO, na qual a atenção é o domínio alvo. (BARCELONA, 2003, p. 244)

O segundo caso de interação metáfora-metonímia apresentado por Barcelona (2003), *co-instanciação textual da metáfora e da metonímia na mesma expressão lingüística*, define-se pela ocorrência da metonímia em expressões lingüísticas sem nenhuma dependência de um dado mapeamento metafórico, mesmo que haja a co-ocorrência de um mapeamento metafórico em alguma outra expressão. Para Barcelona (2003), essa co-ocorrência “não é devida ao fato de que uma das expressões motive a outra conceitualmente, mas ao fato de que são compatíveis” (BARCELONA, 2003, p. 245). É o que ilustra a sentença (3), que, segundo o autor, pode muito bem ser proferida, no contexto de um restaurante, em referência ao comportamento raivoso de um freguês que comprou o sanduíche de presunto.

(3) *O sanduíche de presunto começou a rosnar.*

Nesse exemplo, na análise de Barcelona (2003), há uma versão especial da metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, quer seja, COMPORTAMENTO IRADO É O COMPORTAMENTO AGRESSIVO DE UM ANIMAL (ver LAKOFF, 1987), que licencia a expressão “começou a rosnar”. Por outro lado, a expressão “O sanduíche de presunto” é licenciada pela metonímia COMIDA POR FREGUÊS DE RESTAURANTE. Assim, “nesse caso, a metáfora e a metonímia são compatíveis entre si, porque ambas têm como alvo uma classe de pessoas ou um aspecto dela” (BARCELONA, 2003, p. 245). Entretanto, mesmo existindo a co-ocorrência dos dois processos, ambos são conceitualmente independentes entre si. Para o autor, essa independência pode ser comprovada pelo fato de que as duas expressões podem aparecer separadamente como parte de outras sentenças, tais como, “O sanduíche de presunto está esperando por sua conta” e “John começou a rosnar”.

#### 4 A abordagem de Radden

Radden (2003) compreende que os conceitos de metáfora e de metonímia devem ser vistos sob a forma de um *continuum*, assumindo, assim, a existência de casos difusos entre essas categorias. Dentre esses, aborda, especificamente, o das *metáforas baseadas em metonímias*. O mérito de seu trabalho reside, portanto, numa rica exploração desse caso. Assim sendo, postula a existência de quatro diferentes tipos de bases metonímicas da metáfora, a saber: (a) base experiencial comum, (b) base de implicatura, (c) base de estrutura de categoria e (d) base de modelo cultural. Antes de tratarmos diretamente desses tipos de bases metonímicas da metáfora, vejamos outros pontos significativos na proposta de Radden (2003).

O autor sugere que as noções de literal, metonímico e metafórico sejam vistas como potencialmente localizadas ao longo de um *continuum*, admitindo que esse *continuum* literal-metonímico-metafórico já foi sugerido por Taylor (2003). A formulação do autor é ilustrada pela

Tabela 1. Nesta, são apresentados diferentes usos do adjetivo *alto*, demonstrando a sua gradual transição do sentido literal ao metafórico, via diferentes estágios metonímicos.

literal		metonímico		metafórico
(a) <i>torre alta</i>	(b) <i>maré alta</i>	(c) <i>temperatura alta</i>	(d) <i>preços altos</i>	(e) <i>qualidade alta</i>

Tabela 1: *Continuum literal-metonímico-metafórico* (RADDEN, 2003, p. 409)

Na perspectiva do *continuum* literal-metonímico-metafórico, o autor assim explica os diferentes usos desse adjetivo:

Em (a), *alto* é usado literalmente, em referência somente à verticalidade; em (b) *alto* é “parcialmente”, ou fracamente, metonímico, uma vez que se refere às extensões vertical e horizontal, i.e. a metonímia envolvida é ACIMA POR ACIMA E MAIS; *alto*, em (c), *alta temperatura*, é “totalmente” metonímico, de vez que ocorre a substituição de uma entidade dentro do mesmo domínio conceitual: a escala da verticalidade representa o grau da temperatura, i.e. ACIMA POR MAIS. Algumas pessoas podem ver também essa situação metonímica como EFEITO PELA CAUSA: a temperatura quente faz o termômetro subir. *Alto*, em (d), *preços altos* oscila entre uma leitura metonímica e uma leitura metafórica. Algumas pessoas podem associar *preços altos* ou *elevação de preços* com uma linha subindo traçada num gráfico, como num relatório de estoque. A representação gráfica de um preço pertence ao mesmo domínio conceitual do preço em si mesmo, mas é uma faceta diferente dele. Esse entendimento metonímico pode ser descrito como COISA POR SUA REPRESENTAÇÃO. Outras pessoas podem associar um preço alto com a quantidade de dinheiro que custa a venda de um item. Nesse caso, elas podem ver ‘altura’ (de um preço) e ‘quantidade’ (de dinheiro) como parte do mesmo domínio conceitual e entender *preços altos* metonimicamente como ACIMA POR MAIS, ou podem vê-las como pertencentes a domínios diferentes, compreendendo *preços altos* metaforicamente como MAIS É ACIMA. *Alto*, em (e), *qualidade alta*, refere-se a uma escala de avaliação, cujo ponto mais alto é ‘bom’. Não podemos facilmente pensar em avaliação e verticalidade como parte do mesmo domínio conceitual, portanto, essa situação é puramente metafórica como BOM É ACIMA (RADDEN, 2003, p. 409-410)

É preciso dizer que essa formulação do *continuum* de Radden (2003) está em sintonia com o modelo de desenvolvimento das “cenar primárias” e das “metáforas primárias” proposto por Grady (1997) e Grady e Johnson (2003), em especial no que diz respeito à noção de *d(e)conflation*. Ou seja, esse *continuum* pode ser interpretado em termos de *integração/desintegração* de conceitos, no caso, os conceitos ACIMA e MAIS. Feitas essas considerações, passemos à abordagem do foco do trabalho de Radden (2003), ou seja, o estágio do *continuum* em que as metonímias se transformam gradativamente em metáforas. Vejamos, então, os quatro tipos de bases metonímicas da metáfora postulados pelo autor.

#### 4.1 Base experiencial comum

Radden (2003, p. 413) parte do princípio de que “duas entidades quaisquer, eventos ou domínios que são experienciados juntos são conceitualmente contíguos e formam uma relação de produção de metonímias”. Em outros termos, formam relações metonímicas, que, por sua vez, podem originar metonímias e, provavelmente, metáforas. Ele diz da existência de dois tipos de relações metonímicas assentadas numa base experiencial comum e que podem levar à geração de metáforas, isto é, a *correlação* e a *complementaridade*.

A noção de correlação vigente nas ciências empíricas, segundo Radden (2003, p. 413), “envolve uma inter-relação entre duas variáveis, na qual as mudanças em uma variável são acompanhadas pelas mudanças na outra variável” Para que duas variáveis sejam correlacionadas, elas precisam ser conceitualmente contíguas. É o caso da correlação de quantidade e verticalidade. Nesta, ambas as variáveis (i.e., quantidade e verticalidade) têm origem na mesma base experiencial. A correlação, de fato, está presente em muitas metáforas, constituindo a sua base metonímica. Podemos citar, por exemplo, a metáfora FELIZ É PARA CIMA, cuja expressão física pode ser comprovada, por exemplo, quando um jogador, depois de marcar um gol, levanta os braços para cima e dá pulos de alegria. Por outro lado, a correlação, também, quase sempre está presente nos mapeamentos metafóricos entre os domínios fonte e alvo. Isso pode ser ilustrado pela metáfora AÇÃO É MOVIMENTO, que envolve mapeamentos temporais apresentados como correlações, a

exemplo de A VELOCIDADE DE UMA AÇÃO É A VELOCIDADE DE UM MOVIMENTO (*Ele voou para o seu trabalho*) e O COMEÇO DE UMA AÇÃO É O COMEÇO DE UM CAMINHO (*Nós demos o primeiro passo*).

A relação de complementaridade, conforme Radden (2003, p. 416), “é um tipo especial de relação parte-pela-parte, na qual as partes complementares ou opostas estão fortemente ligadas uma à outra, formando uma unidade”. O corpo e a mente, por exemplo, são entendidos como duas partes que constituem o ser humano, uma interdependência que é expressa em provérbios como “Mens sana in corpore sano”. A metáfora MENTE É UM CORPO ilustra a relação de complementaridade. Esta “nos torna aptos a entender os trabalhos impalpáveis da mente em termos dos trabalhos palpáveis de um corpo” (RADDEN, 2003, p. 417). Daí, o licenciamento de expressões metafóricas do tipo “ter uma forte vontade”, “sustentar uma situação” e “engolir uma idéia”. Expressões desse tipo têm uma base experiencial comum na qual a linguagem do corpo é usada para ilustrar os pensamentos. É preciso compreender, ainda, conforme Radden (2003), que os termos complementares mantêm uma ligação próxima com o todo do qual fazem parte e que essa relação parte-todo figura como amplamente explorada nas metonímias, bem como nas metáforas, a exemplo de AMOR É UMA UNIDADE e CASAMENTO É UM LAÇO DURADOURO ENTRE DUAS PESSOAS. Para o autor, isso reflete uma forte crença de que a relação de complementaridade é inseparável e, na sua concepção, essencialmente metonímica por natureza.

#### ***4.2 Base de implicatura***

Radden (2003) considera as implicaturas conversacionais como a segunda maior base metonímica de metáforas. Ele defende que a relação entre o sentido de uma expressão e seu sentido implicado é metonímica. Nesse contexto, as relações metonímicas que estariam mais propensas a gerar implicaturas conversacionais, conduzindo à emergência de metáforas, são as que envolvem os seguintes elementos implicados: resultado e causa, possessão, e propósito e atividade.

Como exemplo do primeiro tipo, temos o evento “ver alguma coisa”, que implica “tomar conhecimento da coisa vista”, base metonímica da metáfora COMPREENDER É VER. Conforme Radden (2003, p. 420), “a relação metonímica entre ver e compreender, pode dar origem à metonímia parcial VER POR VER E COMPREENDER e à metonímia total substitutiva VER POR COMPREENDER”. No primeiro caso, ocorre o processamento visual e mental do estímulo. Já no segundo, o processamento é apenas mental. Quando se diz “Eu vejo a solução”, significa que é possível visualizar mentalmente a solução para o problema assim como compreendê-la, exemplo que ilustra a metonímia VER POR VER E COMPREENDER. A metonímia VER POR COMPREENDER pode ser aplicada a uma determinada situação em que alguém perguntasse a outro: “Você sabe o que eu quero dizer?”, e obtivesse como resposta: “Sim, eu vejo o que você quer dizer”. O segundo tipo pode ser ilustrado pela metáfora POSSE É AQUISIÇÃO, que licencia expressões como “adquirir uma licença para dirigir” e “adquirir poder”. Conforme Radden (2003), essa metáfora emergiu de implicaturas e o seu uso se fortaleceu via metonímia AQUISIÇÃO POR POSSE. Quando se diz que um homem tem um carro, por exemplo, prontamente emerge a implicatura de que esse homem agora possui o carro. A metáfora PROPÓSITOS SÃO METAS ilustra o terceiro e último tipo. Esta tem como base duas metonímias implicadas, ou seja, LUGAR POR ATIVIDADE (e.g. “Eles estão indo para a cama” implica que “Eles vão dormir”) e META POR PROPÓSITO (e.g. “As crianças estão indo para o parque” implica que “As crianças estão indo brincar lá”) Assim, não é somente a atividade realizada no lugar que gera a implicatura, mas também a menção da meta de um movimento convida à implicatura de um propósito.

#### ***4.3 Base de estrutura de categoria***

Esse tipo diz das relações entre as categorias e seus membros, já amplamente exploradas no estudo da metonímia. Uma dessas relações, por exemplo, é a de que uma categoria como um todo pode ser tomada por um de seus membros salientes (TODO PELA PARTE) ou um dos membros salientes da categoria pode ser tomado pelo todo (PARTE PELO TODO). Radden (2003) argumenta que essas relações também podem ser exploradas em proveito da metáfora. É esse o caso da metáfora OFENSA É UM DANO FÍSICO, que pode licenciar expressões do tipo “Você está ferindo meus sentimentos”. A interpretação metafórica, nesse caso, é autorizada porque “ofensa psíquica” e “dano físico” podem ser vistos como pertencentes a dois diferentes domínios, entendendo-se que um domínio físico presta-se como fonte para um domínio alvo abstrato. No entanto, Radden (2003, p. 426) argumenta que essa metáfora “é baseada na relação metonímica entre

DANO FÍSICO e OFENSA PSÍQUICA”. Estes domínios, por sua vez, são quase sempre experienciados juntos, pois o dano físico usualmente causa a ofensa. Além disso, a base experiencial de ambos é comum.

#### 4.4 Base de modelos culturais

As metáforas de base metonímica que têm como fonte os modelos culturais, isto é, modelos de mundo compartilhados que influenciam tanto o comportamento dos membros de uma sociedade quanto a sua compreensão do mundo, quarto e último tipo na classificação de Radden (2003), manifestam-se nas áreas da força física, da comunicação e da linguagem, e da emoção. A metáfora do canal (REDDY, 1979), por exemplo, enquadra-se nesse tipo, refletindo a concepção tradicional de comunicação como meio de transmitir informações e a relação entre forma e significado. Por essa visão, o significado está na forma das palavras e em outros recipientes lingüísticos, como se vê em “Esse capítulo contém muitos conteúdos”. Considerando que “forma” e “conteúdo” pertencem a diferentes domínios conceituais, essa relação é metafórica, podendo ser descrita como O CONTEÚDO É CONTIDO NUM ESTÍMULO. Contudo, Radden (2003) defende que essa relação é também metonímica, no sentido de que a forma da linguagem é representada por seu conteúdo (FORMA PELO CONTEÚDO). Ademais, “forma e conteúdo são noções complementares, as quais são assumidas como inseparáveis” (RADDEN, 2003, p. 429). Para o autor, essas duas interpretações (i.e., metafórica e metonímica), radicadas no modelo popular de linguagem, não são contraditórias, sendo necessário apenas que se combine a metonímia FORMA PELO CONTEÚDO com a metonímia RECIPIENTE PELO CONTEÚDO, o que constituiria a contraparte metonímica da metáfora do CONTEÚDO DENTRO DE UM RECIPIENTE. Dentro desse grupo, podemos citar ainda a metáfora A IRA É O CALOR DE UM FLUIDO NUM RECIPIENTE, pela qual se compreende que o aumento da temperatura do corpo é um dos efeitos fisiológicos da raiva, base metonímica dessa metáfora.

### 5 A configuração do *continuum* de Dirven

Dirven (2003) examina processos conceituais básicos no uso da metáfora e da metonímia, no intuito de obter uma maior compreensão dos poderes conceptuais desses dois fenômenos. O seu ponto de partida é a visão bipolar de Jakobson [1956](2003), o que não significa que ele comungue cegamente com os postulados do autor. De fato, ele argumenta que os pólos metafórico e metonímico, duas possibilidades de estruturação dos conceitos, podem ser relacionados ao potencial sintagmático e paradigmático da língua, já que os princípios de operação jakobsonianos (i.e., combinação e seleção) coincidem com os dois princípios básicos de estruturação da língua postulados por Saussure — os eixos sintagmático e paradigmático. O autor faz a ressalva de que Jakobson [1956] (2003) não estabeleceu uma relação clara entre os dois conjuntos dicotômicos apresentados. Em parte alguma, ele disse “como se poderia ver uma possível ligação entre a dicotomia sintagmático vs. paradigmático e a dicotomia contigüidade vs. similaridade (ou contraste)” (DIRVEN, 2003, p.87). É nesse sentido, pois, que Dirven (2003) trabalha, começando por estabelecer uma relação entre tipos de sintagma e metonímia.

Assim sendo, o autor postula a existência de três diferentes tipos de sintagma, *linear*, *conjuntivo* e *inclusivo*, e, por conseguinte, três tipos de metonímia, da mesma forma denominados. O primeiro tipo de sintagma é o sintagma lingüístico tradicional, de natureza puramente linear. O exemplo abaixo, apresentado pelo autor, ilustra esse caso.

(4) *Diferentes partes do país* não necessariamente querem dizer a mesma coisa quando usam a mesma palavra. (DIRVEN, 2003, p. 79)

Na análise de Dirven (2003) para o referido exemplo, a expressão “diferentes partes do país”, isoladamente, não constitui uma metonímia. Ela só pode receber uma interpretação metonímica no contexto da sentença em que se realiza. Esse tipo de metonímia é designado como ‘metonímia linear’, podendo ser visto como um exemplo da relação metonímica “localidade por seus habitantes”, fazendo parte, assim, do grande número de relações metonímicas lineares, tais como “localidade por instituição”, “instituição por pessoa” e “produtor por produto”, que são todas, a propósito, realizações específicas dos tipos de metonímia “todo-parte” ou “parte-todo”. É preciso dizer, ainda, que a metonímia linear, diferentemente de outros tipos de metonímia e de metáfora, não envolve uma mudança de sentido. Assim, a expressão “diferentes partes do país”, por exemplo, poderá ter diferentes referentes quando usada ou não metonimicamente, porém, isso não

faz com que haja nenhuma mudança na sua significação. O seu significado resulta da combinação dos sentidos de suas partes constituintes.

O segundo tipo de metonímia, designado como “conjuntivo”, ao tempo em que mantém o sentido original de uma expressão, acarreta uma necessária e sistemática extensão do sentido original. É o caso da expressão “chá”, no exemplo seguinte discutido por Dirven (2003), que dá seqüência ao enunciado introduzido no exemplo (4).

(5) *Chá* era uma farta refeição para os Wicksteeds. (DIRVEN, 2003, p. 80)

Note-se que, nesse caso, há uma mudança de significado de chá como “bebida” para chá como “comida”. Tal mudança, conforme Dirven (2003), está registrada nos dicionários, que listam diferentes significados para a palavra chá, entre eles, “pequena árvore”, “folhas secas utilizadas para preparar bebida por infusão em água fervente”, “bebida servida quente ou gelada”, “refeição leve servida à tarde” e “principal refeição da noite”. Nesses vários significados, pode-se ver que há uma extensão gradual e sistemática do uso da metonímia “chá”, a qual parte da denotação de uma planta para o produto (folhas), do produto para o seu uso como bebida, depois, para a ocasião ritual em que a bebida é servida e, por último, para denotar uma refeição mais elaborada.

Assim, a análise dessa ocorrência demonstra que se faz necessária uma nova interpretação do termo sintagma, que, segundo Dirven (2003), não pode ficar restrito à combinação de elementos numa ordem linear, tal qual uma unidade lingüística. O exemplo do sintagma “chá” denota a combinação de diferentes elementos ou referentes dentro de um conjunto funcionalmente ordenado, como pode ser encontrado em um contexto agrícola e/ou sociocultural. No caso, tal conjunto inclui o cultivo de plantas de chá e a colheita das folhas de chá, o uso de folhas de chá secas e trituradas na preparação de um tipo de bebida, a transformação em rito da bebida do chá e a extensão gradual de uma ocasião para bebida transformada em ocasião para comida. Desse modo, “é esse um sintagma sociocultural, cuja reflexão lingüística é encontrada na gradual ampliação semântica do item ‘chá’” (DIRVEN, 2003, p. 81).

O terceiro tipo de metonímia postulado por Dirven (2003), ao contrário dos precedentes, é marcado por uma permanente interpretação figurada. Segundo o autor, um aspecto fundamental desse terceiro tipo é definir “como a metonímia e o sentido figurado caminham juntos ou quando e por que uma metonímia é ou não figurada” (DIRVEN, 2003, p. 83). Assim, ele toma o exemplo abaixo para ilustrar o terceiro tipo de sintagma e de metonímia, ao qual ele denomina de “tipo inclusivo”.

(6) Ele tem uma *boa cabeça*. (DIRVEN, 2003, p. 83)

A expressão “ter uma boa cabeça”, conforme o autor, deve ser interpretada como “ser inteligente”. Seria inaceitável, nesse caso, a sua interpretação literal como “ter uma cabeça na parte superior do corpo”. Note-se que, apesar de a construção do sintagma capturar aspectos físicos, a referência é ao não-físico, ou seja, aos aspectos mentais. Podemos dizer, então, que uma entidade física é usada figurativamente por uma entidade mental. Em outros termos, “há um ‘salto’ conceitual de um domínio físico concreto para um domínio mental abstrato” (DIRVEN, 2003, p. 83). Essa mesma formulação é freqüentemente usada na definição de metáfora, entretanto Dirven (2003) a utiliza somente para definir a “linguagem figurada”.

Em face do exposto, vimos que Dirven (2003) estabeleceu significativas mudanças na equação do pólo metonímico com o princípio sintagmático, no que se refere à existência de três tipos de sintagma associados a três tipos de metonímia e às diferenças entre os tipos de metonímia postulados e a metáfora, considerando, para isso, o grau de permanência e mudança do significado das expressões, bem como o seu caráter figurativo ou não-figurativo. Passaremos, agora, a tratar de outro tópico discutido pelo autor: a dicotomia contigüidade vs. similaridade (ou contraste).

Dirven (2003), no âmbito em que estamos discutindo, refere-se à visão da dicotomia contigüidade-similaridade (ou contraste) não como uma formulação nova postulada por Jakobson ou outros estruturalistas, mas como já presente na longa tradição da história da Filosofia, da Retórica e da Lingüística. Não é propósito do autor, porém, examinar as muitas discussões em torno da “teoria da similaridade” em conexão com a metáfora, uma vez que houve uma tendência em se negligenciar o estudo da metonímia, concedendo-se uma maior atenção à metáfora. Seu interesse está voltado, conforme já anunciamos, para a discussão de diferentes princípios básicos da metáfora e da metonímia. Entretanto, não se pode deixar de fazer alusão ao fato de que a noção de contigüidade não foi explorada em larga extensão na literatura, prevalecendo um maior interesse sobre a noção de similaridade, fato que pode ser comprovado pelo significativo volume de pesquisas em torno do objeto da metáfora.

Assim sendo, no entendimento do autor, Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987) fizeram um esforço para redefinir essa antiga dicotomia contigüidade-similaridade (ou contraste), ao postularem que a metáfora envolve o mapeamento entre dois diferentes domínios conceituais, e a metonímia, dentro de um único domínio conceitual. O autor, mesmo reconhecendo o mérito da pesquisa, afirma que o que parece um complicador nesse postulado é que “o mero uso do termo ‘domínio’ não resolve o problema, mas é esse termo em si mesmo que precisa de esclarecimento” (DIRVEN, 2003, p.87)..

Nesse sentido, Dirven (2003) avalia que Croft (2003) apresenta uma fundamentação teórica mais consistente para a abordagem da metáfora e da metonímia em termos de domínios conceituais, ao postular a existência de um domínio matriz constituído por vários subdomínios, embora somente isso não seja o suficiente para solucionar a questão de como explorar o caráter figurativo de alguns tipos de metonímia, conforme aprofundaremos mais adiante. Mas o que parece interessante nessa proposição, segundo Dirven (2003), é que “aquilo que é visto como um ou dois domínios não decorre de uma relação dentro da ‘realidade objetiva’, mas, ao contrário, resulta de uma construção feita pelo usuário da língua culturalmente condicionada” (DIRVEN, 2003, p. 88).

Para melhor esclarecer essa sua posição, o autor lança mão dos exemplos dos domínios conceituais “comer” e “beber”, que podem se realizar como dois domínios diferentes, no caso de “aperitivo” e “almoço”, ou como dois subdomínios de um domínio matriz, como no exemplo (5), em que “chá” pode denotar uma “farta refeição noturna”. Observa-se que há, na extensão metonímica da expressão “chá”, componentes básicos provenientes dos dois domínios conceituais “comer” e “beber”, que se encontram justapostos. A justaposição, por sua vez, apresenta-se como uma instância muito clara da contigüidade e, por conseguinte, de um domínio matriz. É importante salientar, nesse ponto, que, dependendo da situação, podemos perspectivar as áreas do conhecimento como um domínio (e.g. um quarto como um domínio típico de lugar para dormir e trocar roupas) ou como um domínio matriz, dependendo da atividade em foco. A metonímia enquadra-se no último caso, pois, nesta, perspectivamos as áreas da experiência dada em um domínio matriz. Como vimos no exemplo (5), ocorreu a extensão da expressão “chá”, que incorporou novos elementos, até mesmo o elemento “comida”, o que possibilitou a produção de enunciados do tipo “Chá era uma farta refeição para os Wicksteeds”.

Fazendo-se um paralelo, na metáfora, ocorre o mapeamento parcial entre dois domínios conceituais (i.e., domínio fonte e domínio alvo), o qual consiste numa seleção de traços. O exemplo (7), apresentado por Dirven (2003), ajuda a melhor compreender o cotejo que estamos estabelecendo.

- (7) Kriek-Lambik não é somente para beber, é para beber e comer juntos. (DIRVEN, 2003, p. 89)

No exemplo, Kriek-Lambik faz referência a uma fruta belga, da qual é produzida uma cerveja (‘Cherry Lambik beer’) por meio da fermentação espontânea e da adição de suco de cereja. Observa-se, na expressão metafórica “Kriek-Lambik,” a presença dos domínios conceituais “beber” e “comer”, da mesma forma que se pôde constatar no exemplo (6). A diferença é que, nesse caso, os domínios não estão justapostos formando um novo domínio matriz, como se verificou no caso da expressão “chá”. De fato, eles constituem domínios conceituais independentes. Assim, “beber” continua sendo “beber”, mas ocorre o mapeamento das qualidades nutritivas da comida e os efeitos alimentícios prototípicos do ato de “comer” para o domínio conceitual de “beber” cerveja Kriek-Lambik. Assim sendo, na expressão metonímica “chá” (como uma farta refeição), “comer” e “beber” são tomados literalmente, passando a constituir um domínio matriz. Já na expressão “Kriek-Lambik é comer e beber juntos”, a expressão “comer” é tomada figurativamente, ocorrendo o mapeamento de alguns traços desse domínio para o domínio de “beber”.

Dirven (2003) destaca uma outra questão importante em relação à metáfora e à metonímia, que diz respeito ao fato de que não só a metáfora pode ser figurativa, mas também a metonímia, como ele demonstra no exemplo (8).

- (8) a. Os cérebros deles trabalham a metade da velocidade dos nossos.  
b. Mais cérebros! (DIRVEN, 2003, p.90)

Em sua análise, ele considera a primeira ocorrência de cérebro como parte de uma cadeia metonímica (e.g., “pensar” e “processos de pensamento”) e como ligeiramente figurativa. A metáfora “mais cérebros” não se refere à necessidade de uma grande quantidade de cérebros, mas sim de mais idéias criativas. Ademais, em ambos os exemplos existem claramente dois domínios conceituais, ou seja, o domínio neurológico do cérebro e o domínio mental do pensamento.

No âmbito em que estamos discutindo, Dirven (2003) apresenta um outro princípio que, na literatura, tem sido proposto para a metáfora e a metonímia: o princípio do contraste. Embora as discussões tradicionais tenham girado muito mais em torno da similaridade entre dois domínios, é fato que o princípio do contraste pode ser tido como essencial no uso metafórico de muitas expressões, como no caso da extensão da metonímia “chá” para fazer referência a uma gíria usada para maconha. Nesse contexto, os dois domínios de “plantas para chá” e “plantas tóxicas” estão em oposição, desde que o primeiro é associado a um mundo social respeitável e maconha é associada com a sub-cultura do narcotráfico. Mas, segundo o autor, “uma vez que esses contrastes são vencidos, há um número de similaridades de baixo-nível entre os domínios como a aparência externa do chá seco e das folhas tóxicas, a atmosfera de um encontro social enquanto se toma chá ou se passam cigarros de maconha para uma roda de participantes, o contato profundo que é suposto acontecer, etc.” (DIRVEN, 2003, p. 92).

Nesses termos, o propósito do autor é fazer a extensão do princípio do contraste da metáfora para a metonímia. Ele considera que, apesar de se ter a metáfora e a metonímia como dois processos totalmente diferentes, esses processos podem muito bem ser a realização de um princípio básico comum — contraste conceitual —, ou, de forma mais específica, a maneira como eles se confrontam a partir de uma proximidade ou distância conceitual, ou vice-versa. Assim sendo, Dirven (2003) estabelece três fatos básicos a respeito da metáfora e da metonímia. Primeiro, uma diferença que se relaciona à natureza distinta das relações sintagmáticas e paradigmáticas, considerando a presença de gradações no eixo sintagmático, de onde derivam três diferentes tipos de metonímia. Segundo, uma diferença que inclui o conjunto das várias formas de relações sintagmáticas em contraposição à definição de metáfora envolvendo a relação entre domínios contíguos e não-contíguos, posto que, na metonímia, dois domínios ou subdomínios relacionados são analisados como um domínio matriz, enquanto que, na metáfora, um domínio é apagado numa operação de mapeamento. Por último, o autor considera que, apesar de haver uma distinção clara entre os dois processos, a diferença entre sentido figurado e sentido não-figurado aparece como significativa entre as duas distinções inicialmente discutidas. Por essa razão, ele argumenta que é mais lógico que se vejam as várias instâncias da metáfora e da metonímia como pontos de um *continuum*, cujos pólos seriam o sentido não-figurado e o sentido figurado, conforme é apresentado na Figura 7.

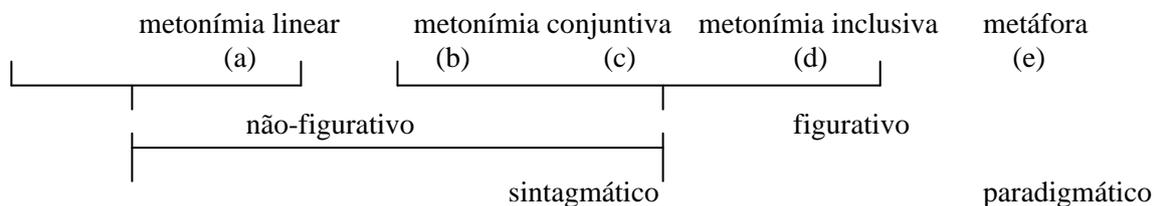


Figura 1: O *continuum* metonímia-metáfora (DIRVEN, 2003, p. 93)

O *continuum* metonímia-metáfora mostra que há diferentes graus de “metonimização”, assim como já se admite na literatura que há diferentes graus de “metaforização”. De acordo com a descrição feita por Dirven (2003) para essa representação — a do *continuum*, a metonímia linear constitui o mais baixo grau de metonimização, uma vez que ela é sempre não-figurativa e não-polissêmica. Numa gradação ascendente, na seqüência, vem a metonímia conjuntiva, que é não-figurativa, mas polissêmica, seguida de um outro tipo de metonímia também conjuntiva, que é tanto figurativa quanto polissêmica. Depois, vem a metonímia inclusiva e a metáfora, ambas apresentando-se como somente figurativas. Na configuração do *continuum* metonímia-metáfora, Dirven (2003) argumenta que é possível também ver as relações entre os vários tipos de metonímia e a metáfora em termos das noções de proximidade e distância conceitual.

Na conclusão de seu estudo, Dirven (2003) propõe uma ampliação do *continuum* metáfora-metonímia, a qual ele denominou como *continuum* literal-figurado. Segundo ele, esse segundo *continuum* pode explicar, de forma mais clara, todas as relações discutidas, envolvendo além dos elementos já presentes no *continuum* metonímia-metáfora outras relações, tais como literal e não-literal, dentre outras. A respeito desse segundo *continuum*, nos limitaremos, neste estudo, a essas breves considerações.

## 6 Algumas considerações a propósito das abordagens apresentadas

Uma questão que desponta como significativa no conjunto dos trabalhos analisados diz respeito ao fato de que os autores, tanto na abordagem da interação metáfora-metonímia quanto na formulação do *continuum*, analisam ocorrências lingüísticas totalmente desprovidas de seu contexto de uso. Essa metodologia, a nosso ver, termina por ser um redutor na descrição desse nível de abordagem da metáfora e da metonímia, pois consideramos que o estudo da língua numa dimensão cognitivo-discursiva tende a ser muito mais produtivo, podendo dar lugar a outras possibilidades de ocorrência motivadas pelo fenômeno da interação metáfora-metonímia. Essa nossa posição, de forma alguma, compromete o valor dos trabalhos de Goossens (2003), Barcelona (2003), Radden (2003) e Dirven (2003). Não podemos deixar de reconhecer a importância desses estudos pioneiros, que enveredam por um caminho ainda pouco trilhado no âmbito da cognição.

Aliás, ao tratarmos, neste trabalho, de diferentes estudos que se alinham com a perspectiva emergente da visão do *continuum* no tratamento da metáfora e da metonímia, temos ciência de que tal abordagem, a despeito da consistência dos estudos aqui apresentados, constitui-se ainda como um campo em franco desenvolvimento, cuja fertilidade pode ser ainda maior quando se pensa a língua para além dos limites fixados pela Lingüística Cognitiva. Nesse particular, referimo-nos a uma possível aplicação da hipótese do *continuum* considerando não apenas a linguagem como produto, ao modo como se viu nos trabalhos analisados. Assim sendo, julgamos que esse *continuum* possa ser estendido para a análise de ocorrências que efetivamente só se materializam nas práticas discursivas. Ou seja, que têm lugar no processamento da linguagem efetivamente em uso. Daí, portanto, o nosso entendimento de uma necessária interface entre a Lingüística Cognitiva e a Lingüística de Texto para uma abordagem mais ampla das relações que se dão entre os processos metafórico e metonímico no licenciamento de expressões lingüísticas corriqueiramente utilizadas em nossas mais diversas práticas discursivas.

### Referências bibliográficas

BARCELONA, A. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: an update. *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 207-277.

CROFT, W. The role domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In: René Dirven, Ralf Pöring (eds. ), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 161-203.

DIRVEN, R. Metonymy and metaphor: different mental strategies of conceptualization. In: René Dirven, Ralf Pöring (eds. ), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 75-111.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: René Dirven, Ralf Pöring (eds. ), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, [1990] 2003, p. 349-377.

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Berkeley: University of California, Berkeley, 1997. PhD Dissertation.

GRADY, J. , JOHNSON, C. Converging evidence for the notions of subscene and primary scene. In: René Dirven, Ralf Pöring (eds. ), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 533-554.

JAKOBSON, R. The metaphoric and metonymic pole. In: René Dirven, Ralf Pöring (eds. ), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, [1956]2003, p. 41-47.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: Ortony, Andrew (ed.), *Metaphor and thought*, 2 ed. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G., TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

RADDEN, G. How metonymic are metaphors? In: René Dirven, Ralf Pöring (eds. ), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 407-434.

SILVA, A. S. da. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Vol. 7 (2003), 13-75.

TAYLOR, R. J. Category extension by metonymy and metaphor. In: René Dirven, Ralf Pöring (eds. ), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 323-347.